

Antonio Tabucchi, "Afirma Pereira", por Izabel Dal Pont

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 ANTONIO TABUCCHI IZABEL DAL PONT RESENHA em maio 29, 2020



Marcello Mastroianni numa cena do filme "Sostiene Pereira" (1995), de Roberto Faenza

Publicado em 1994, o romance *Afirma Pereira*, de Antonio Tabucchi, traz à tona temas como morte, solidão, melancolia, liberdade ou a falta dela, censura, violência política, literatura. Na Lisboa do final dos anos 30 do século XX encontramos o jornalista Pereira que, à época, não fazia outra coisa a não ser pensar na morte e na literatura. “Era vinte e cinco de julho de mil novecentos e trinta e oito e Lisboa faiscava no azul de uma brisa atlântica, afirma Pereira”^[1] (p 10).

A ação narrativa desenvolve-se, majoritariamente, no coração do centro velho, no qual localiza muito precisamente o protagonista. Pereira desloca-se entre sua casa situada no bairro de Alfama, o escritório do jornal para o qual trabalha e o café Orquídea, no qual faz as refeições e se informa sobre os fatos políticos com o garçom Manuel, ambos localizados no centro velho e a igreja da freguesia das Mercês, onde confessa-se e conversa com padre António. A maioria dos endereços e lugares citados são reais. Todavia, é pouco crível que esses tenham sido escolhidos ao acaso. Ou, seria mera coincidência que Pereira, um homem que vive apegado ao passado, habite justamente à Rua das Saudades? (p. 15). Que uma festa salazarista tenha como palco a Praça da Alegria (p. 10), justamente num momento que os portugueses têm poucos motivos para se alegrarem? E, que da janela do Elétrico Pereira contemple a cidade, enquanto cruza a Rua da Liberdade? (p. 20) - Liberdade?

O narrador, que declara falar em nome do protagonista, começa contando que Pereira afirma ter conhecido alguém em um magnífico dia de verão. O fato é desencadeado a partir do momento em que o jornalista, à procura de um tema para redigir a página cultural do Lisboa, depara-se casualmente com um artigo que trazia uma reflexão sobre o significado da morte. A tese assinada por Monteiro Rossi, um jovem recém-formado em filosofia (p. 7), impressiona Pereira que acaba por contratá-lo para redigir obituários antecipados de escritores famosos. O evento passa a ter extrema relevância na vida de ambos. Afirma Pereira que Monteiro Rossi “Era um rapaz alegre, que amava a vida e que ironicamente foi chamado a escrever sobre a morte [...]” (p. 8)

Enclausurado em seu pequeno e monótono universo, Pereira frequenta cotidianamente o mesmo bar, o Orquídea, onde faz suas refeições que se limitam a limonadas e a omeletes. Em casa cultiva o hábito de conversar com o retrato de sua defunta esposa: conta-lhe fatos, faz confidências, demanda conselhos, pede desculpas por falhas ou comportamentos. Certa ocasião, por exemplo, enquanto aguardava Monteiro Rossi em uma festa salazarista, Pereira pensou que aquele não era um lugar para se estar e então “[...] desejou já estar em sua casa e falar com o retrato de sua mulher para pedir-lhe desculpas” (p. 22). Além de males físicos, como cardiopatia e obesidade, o jornalista sofre também de melancolia, o que o leva a fazer reflexões e a ter conversas frequentes sobre a morte. “Não sei em que mundo vivo, disse Pereira ao retrato, inclusive padre António me disse a mesma coisa. O problema é que não faço outra coisa além de pensar na morte, me parece que todo o mundo esteja morto ou que esteja em processo de morrer” (p. 16).

Apaixonado por literatura, para contornar a censura imposta por um regime que dita o que se pode dizer e o que não se pode dizer, Pereira dedica-se a traduzir e publicar textos curtos e “neutros” de grandes escritores franceses do século XIX, como Honoré de Balzac, Alphonse Daudet e Guy de Maupassant. De Balzac traduz Honorine, um conto sobre o arrependimento, visto que havia nesse mundo muito do que se arrepender e “parecia-lhe que também ele deveria arrepender-se de alguma coisa, mas não sabia de que coisa” (p. 111). De Daudet traduz *La dernière classe* (A última lição), cujo protagonista é um professor que, durante a guerra franco-prussiana, leciona francês em uma escola elementar da Alsácia.

Diante do crescimento do fascismo e do nazismo e da eminente catástrofe prestes a se abater sobre a Europa, inicialmente, Pereira prefere fechar os olhos. Com o passar do tempo, porém, Monteiro Rossi e a namorada Marta, o garçom Manuel entre outros, colocam diante dele fatos

e interrogações que o obrigam a reagir. Percorrendo uma Lisboa envolta na atmosfera obscura do regime salazarista, aos poucos Pereira vai tomando consciência do mundo ao seu redor.

Entre as conversas com a mulher e as conversas com seus escritores favoritos, Pereira frequenta a Igreja das Mercês. Com padre António, seu confessor e um de seus poucos amigos, se aconselha sobre pecados, sobre arrependimento, sobre morte e ressurreição. Padre António, por sua vez, apesar de submeter-se à hierarquia da Igreja, revela-se inconformado com a posição política de Portugal e chama a atenção de Pereira sobre a necessidade de atentar para o que está ocorrendo. “[...] em quem mundo vives, tu que trabalhas em um jornal?” (p. 15), questiona o padre. E alerta: “Escuta Pereira, o momento é grave e cada um deve fazer suas escolhas [...]” (p. 145)

A partir das conversas com o Doutor Cardoso (médico da clínica em que Pereira se interna por alguns dias para tratar de problemas cardíacos e que se torna seu amigo e confidente), Pereira passa a questionar o sentido de sua vida presente. “[...] pare de frequentar o passado, procure frequentar o futuro”, aconselha o Dr. Cardoso. (p. 158). O médico instiga Pereira a refletir sobre seus conflitos internos e alimenta a chama, a princípio indelével, de uma transformação que germina em Pereira.

Enfim, diante de um fato brutal, a morte do jovem amigo Monteiro Rossi, Pereira muda radicalmente de posição. Seu novo “eu” brota alimentado por todos aqueles que de uma forma ou de outra cruzaram seus caminhos: Manuel, o garçom do café Orquídea, com suas intermináveis perguntas o coloca diante de acontecimentos censurados pela ditadura. Monteiro Rossi e sua namorada Marta com suas juventudes e ideais o colocam diante de novas verdades e novos objetivos de vida. O Padre António e a Senhora Delgado (judia alemã que está de partida para os Estados Unidos) o levam a questionar sua posição apolítica em favor de uma posição mais engajada. As atitudes rudes do diretor do jornal e a bisbilhotice da porteira Celeste, o levam a refletir sobre o silêncio imposto pelo regime autoritário. O Dr. Cardoso exerce o papel de catalisador desse processo de transformação. E até seus escritores favoritos dão um empurrão rumo ao seu novo despertar, afirma Pereira.

[1] Todas as traduções são nossas, a partir da edição italiana do livro, TABUCCHI, Antonio. *Sostiene Pereira*.

35. ed. Milano: Universale Economica Feltrinelli, 1996.